



A SENHORA D. MARIA PIA DE SABOYA, RAINHA DE PORTUGAL.

SUMMARIO

A Senhora D. Maria Pia de Saboya, Thomaz Ribeiro. — *Noções de Economia Domestica*, D. Maria José da Silva Canuto. — *Os Captivos* (poesia), Anthero de Quental. — *O Tunnal*, Joseph Montet. — *A celtica das mulheres*, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. — *Cançaço* (poesia), João de Deus. — *Cultura das emoções intellectuaes* (Da curiosidade), Bernard Perez. — *Necrologia*, D. Maria José da Silva Canuto. — *Album enigmático*.

GRAVURA: — *A Senhora D. Maria Pia de Saboya, rainha de Portugal*.

A Senhora D. Maria Pia de Saboya

Não foi o título de rainha que veio com o prestígio do seu esplendor movernos a escolher entre os retratos de mulheres notaveis o da sympathica soberana.

N'este tempo em que por toda a parte e em todas as classes se grita em phrasas ribombantes pela liberdade, agora quando tudo palpita n'uma grande ansiedade de independencia zelosa dos seus direitos, tratar dos soberanos, biographal-os, pôr em relevo as suas qualidades com adjectivos mais ou menos encomiasticos, significa para muitos um servilismo baixo, incompativel com os preceitos da dignidade activa dos que

se presam. E' pois talvez necessaria esta declaração para os que nos conhecem pouco. Não é o titulo de soberana que nos fascina, repetimol'o com a hombridade dos que nunca se curvaram ante as insignias honorificas creadas por uma convenção banal e adquiridas mais vezes pelo accaso que pelo merecimento.

Como aristocracia reconhecemos apenas a do talento e a da virtude; a dos pergaminhos e a do ouro pareceram-nos sempre uma facecia irrisoria ou uma qualificação creada para decentemente designar as individualidades inúteis e os *parvenus* pedantes. Mas... a corrente das considerações afastou-nos do assumpto principal; voltemos a elle:

Muitos jornaes tem publicado o retrato da Sr.^a D. Maria Pia como homenagem a rainha, nós publicamol'o unicamente como homenagem á mulher, e n'esta declaração que á força de sincera pode parecer rude, está, eré-mos nós o elogio mais levantado e tambem mais justo que podemos tecer-lhe.

Eclipsar com a aureola dos proprios meritos o esplendor de um titulo glorioso que o acaso nos atirou, é incontestavelmente um acto de valor que ennobrece, ao mesmo tempo que exalta e edifica pela acção benefica do exemplo.

Ser rainha de um povo, pode ser obra do acaso, mas imperar carinhosamente no coração dos subditos só pode ser conquista da virtude, e essa virtude aerisolada, pura, de uma firmeza nunca desmentida, possue-a no seu grau mais elevado a Sr.^a D. Maria Pia.

Dando pois o retrato da rainha acompanhamol'o da biographia escripta pelo sr. Thomaz Ribeiro, um dos mais brillhantes ornamentos da nossa litteratura e ao qual pedimos venia pela ousadia do nosso commetimento, que redunda todo em proveito dos leitores da *Mulher*.

Collocae o seu retrato entre os de todas as damas de porte distincto e nobre e os visitantes da extensa galleria adivinharão a rainha.

Deixae-o, só no meio de multidão que a não visse jámais, e a multidão ha de, por instincto, abrir alas e descobrir-se respeitosa.

No theatro, onde leva, com a sua presença a inspiração, o fogo sagrado, o *Deus*, ás almas dos artistas, recebe uma grande parte da ovação e do enthusiasmo dos espectadores que lhe é consagrada.

No templo, quando ella ajoelha, o povo resume todas as suas preces n'uma só prece e unisona:

— Senhor, escuta as supplicas da rainha! — Reverte em seu favor este pedido porque a rainha está rogando a *Deus pelos seus filhos*.

O povo, como já viu e sentiu, na gentil princeza da Italia alguma coisa de divino, fez do seu enthusiasmo adoração; tornou-se por ella, merecidamente, supersticioso; e se a considera mulher o bastante para poder estremecel-a, chamar-lhe mãe e beijar-lhe as mãos, toma-a por um ser bem superior, para considerar sacrilegio uma palavra, um pensamento, um nada, que pareça ingratição para com ella.

Entre as rainhas de Portugal muitas merecem as grinaldas com que a historia condecorou os seus tumulos, e os louvores que enderessou ás suas virtudes.

Nenhuma ainda logrou tão fervoroso culto, e tão unanime applauso, como a Senhora D. Maria Pia de Saboya.

Se exceptuarmos tres ou quatro das nossas trinta e quatro rainhas ou quarenta e uma, se quizermos contar as esposas dos tres Phillippes de Castella, todas as demais, e algumas com singular encarecimento, foram *presentes do ceu*.

Para deixar na sombra Haros e Leonores, escreve com letras de ouro, a historia de Portugal, os nomes de: Izabel de Aragão,—a santa;—Beatriz de Castella,—a pacificadora;—Filippa de Lencastre,—a estrella de Aviz, esposa d'um grande rei, mãe de grandes principes, educadora da grande raça, geradora de grandes feitos;—Joanna de Castella, a excellente senhora;—Leonor de Lencastre, a piedosa;—Luiza de Gusmão—a forte;—Maria da Gloria—a austera educadora dos seus filhos de sangue, principes e reis, da sua filha adoptiva a liberdade.

Era forte, como a mãe dos Grachos, era amante e desvelada como Respha.

A 15 de novembro de 1853 quando esta senhora morreu, e só então! conheceu o povo quanto lhe queria. E todas as bandeiras de guerra se enrolaram em funeral, na passagem do seu prestito mortuario.

Uma pomba acompanhou o funebre cortejo, pousada na corôa do ataude.

Quizeram olhos piedosos ver n'ella a alma pura e amante da rainha, olhando ainda para o reino, antes de subir ao ceu. Talvez antes seria a candida alma do povo acompanhando o despojo que lhe roubavam, e abraçando o feretro d'aquella bem amada com azas brancas e immaculadas da sua fé tão pura, do seu amor tão aerisolado.

Depois do desaparecimento d'esta rainha um grande luto se enleou e se condensou sobre o escudo da nação e sobre os braços do rei.

D. Pedro V subiu ao throno tão triste, que parecia querer antes descer ao tumulo! A fatalidade marcára com o selo da desgraça a pallida e annuviada fronte do monarcha juvenil, precocemente sabio, precocemente triste, precocemente velho.

Os desventurados voltam-se de preferencia para o occidente e para o norte. Pediu ao norte uma companheira. E como elle era o predilecto do infortunio, obteve a amantissima senhora D. Estephania de Hohen-sollera, que era para mais desgraçado se sentir, quando quatorze mezes depois, tivesse de a perder.

Ao conde do Lavrado, que fôra offerecer-lhe ao castello de Sigumarigem, a mão do rei e o logar a seu lado, no throno de Portugal, quiz perguntar a princeza, porque, sendo el-rei tão bom no seu retrato lhe parecia tão triste. A bordo da *Bartholomeu Dias* esquecia-se ás vezes a contemplar o retrato de D. Pedro V e sorria-lhe por entre lagrimas.

Chegou ao Tejo, a 17 de maio de 1858.

A fome e a peste haviam assolado o reino. Desde a morte de D. Maria II as provações eram continuas. A nação que estimava o rei, entristecera com as tristezas do monarcha.

A 17 de julho de 1859 D. Pedro V juntava ás dôres da orfandade o luto da viuvez.

O outomno de 1861 foi damninho á casa de Brgauça e ia sendo fatalissimo ao reino.

Da formosa descendencia de D. Maria II, as duas infantas haviam casado com dois principes allemães; em poucos dias morreram de febres malignas, adquiridas em Villa Viçosa, o infante D. Fernando a 6, e el-rei D. Pedro V a 11 de novembro; o infante D. João a 27 de dezembro; o senhor D. Augusto, jazendo no leito, prostrado por igual doença a ver-se morrer a cada momento.

O senhor D. Luiz chamado a toda a pressa de Fran-

ça, por onde viajava, entrou no Tejo a 14 de novembro e só ali recebeu, como pezames, o tratamento de Magestade.

No meio d'aquelle cemiterio da sua familia, no meio d'aquelle deserto, silencioso e frio, do seu palacio, ficava de pé, só e absorto, o actual rei de Portugal; unica esperanza do reino, garantia unica do throno.

No meio d'esta enorme catastrophe e d'esta immensa tristeza, o povo de Lisboa alvorotado corria em desordem as ruas da capital. No cataclysmo a que não podia acudir quiz ver um crime e sentia a ancia da saudade e o presentimento de um perigo ignoto, que lh'o mandavam punir. E como era louca a sua dôr era cega a sua investida.

Foi então que a voz dominadora de José Estevão, advogando no parlamento como sempre, a causa do povo, desculpava o seu desvairamento, lembrando que não podia haver crime em que *á tyrannia da morte respondesse a anarchia da dôr*.

Quando mais densas eram as trevas d'esta cerrada tristeza os olhos do rei e do reino voltaram-se para o oriente. De lá lhes sorriu, como estrella d'alva, nuncia de bonança, a filha de um grande rei, que reconstruía e remoçava um povo nobre e por longos annos infeliz. Ella quiz associar-se ás tristezas de Portugal. Sentia dentro do coração com que apagar as nossas magoas e desditas.

No dia 5 de outubro de 1862 entrava no Tejo a corveta de guerra—*Bartholomeu Dias*,—trazendo a seu bordo a rainha a Senhora D. Maria Pia de Saboya, a filha de Victor Manuel, o rei *gentilhomo*, o unificador da Italia; trazia-nos a neta de Carlos Alberto, o heroe de Novara, que depois da sua abdicacão, a 23 de março de 1849, viera procurar entre nós o repouso dos seus ultimos dias.

Coube á cidade do Porto a honra da sua preferencia; digno presidio para aquelle proscripto! Digno tumulto para aquelle valente!

Não vinha para viver, vinha para descansar; e descansou na paz eterna aos 28 de julho d'aquelle mesmo anno.

A casa de Saboya tinha dado já muito do seu illustre sangue á casa real portugueza.

Era princeza de Saboya a nossa primeira rainha, D. Mafalda, esposa de Alfonso Henriques.

A rainha D. Maria Pia nasceu em Turim, a 16 de novembro de 1847. Aos 6 annos de idade, no dia 20 de janeiro de 1855 perdeu sua mãe a rainha Maria Adelaide, d'Austria, e assim ficou orfã tão moça, aquella cujos primeiros somnos foram acalentados pelos hymnos guerreiros do Piemonte e pela artilheria dos combates.

Ao lado do seu berço havia outro berço, diante do qual passavam em continencia uns guerreiros austeros, que escondiam as condecorações e ostentavam as cicatrizes; que se revezavam em sentinellas e que, em torno áquelle berço, celebravam conselhos e concertavam planos de batalha e de governo.

Aquelle berço era o da joven Italia, irmã gêmea da nossa rainha, filha do mesmo pae, nascida, alimentada e creada debaixo do mesmo tecto.

Que nobres educadores teve a mãe dos nossos principes!—o brio, a honra, a abnegação, a coragem! e que prismatica atmospheria aureolava aquelles berços!—a gloria,—a liberdade!

Que mais era preciso para que o reino a recebesse jubiloso, como penhor de venturas?

Desde a sua entrada em Portugal todos os corações se lhe entregaram.

Disseram-lhe á chegada:

«Terás na lusa terra as ribas italianas; solo que diz — fartura — e em que diz — bonança arvores de Florença, auras napolitanas, e flores de Saboya em prados de Bragança.»

Tudo a rainha achou de quanto lhe prometteram e tudo o que se esperava ella cumpriu.

A sua biographia todos a conhecem; a sua historia ainda não é tempo de se escrever.

A sua coragem, como rainha, manifestou-se n'uma triste noite de maio de 1870.

Do seu amor maternal falla o dia 2 de outubro de 1873 quando n'uma praia rochosa de Cascaes se arremegou ao mar para lhe arrancar seus filhos.

Da sua caridade sem limites fallam as inundações do inverno de 1876.

Recebeu na pia baptismal o mais bello nome do mundo. Seu pae chamou-lhe Maria. Seu padrinho,—o Santo Padre, chamou-lhe Piedosa.

O rei de Portugal chamou-lhe Rainha.

O povo quiz tambem condecoral-a; chamou-lhe—ANJO DA CARIDADE.

Das muitas honras que a enobrecem esta é a honra maior.

«Senhoras e senhores disse a rainha um dia a uma commissão de socorros a que presidia,—ao grito de terror e de angustia de milhares de desgraçados, que repentinamente se viram sem abrigo e sem pão para si e para seus filhos, lembrei-me de que em Portugal nunca faltaram corações nobres, almas compassivas, sempre promptas aos mais generosos sacrificios, para enxugarem as lagrimas dos que na hora da tribulação estendem as mãos supplicantes.»

«Appellei para esses sentimentos tão portuguezes. Não me enganei, não me podia enganar.»

«Abençoou Deus a nossa obra que era tambem Sua, porque era toda de caridade.»

Ah! tendes o seu coração e a sua alma.

Os louvores que merece canta-lh'os a infancia, nos hospicios e nas *creches*, canta-lh'os a indigencia e a velhice nos asylos, que o seu amor alimenta e o seu nome ennobrece.

Quando em 1879 uma doença gravissima ameaçou os seus dias não houve pobre nem rico em Lisboa que não fosse, dia a dia, ler o boletim dos medicos, ao palacio da Ajuda e deixar lá o seu nome, não houve em todo o reino albergue, palacio ou templo onde se não erguessem a Deus preces pela sua melhora, e acções de graças pelo seu restabelecimento.

Tem sido venturoso com ella o pacifico reinado do Sr. D. Luiz I.

Pague Deus abençoando os seus filhos e as venturas que lhe devemos.

THOMAZ RIBEIRO.

Chama-se progresso á vida geral do genero humano.

VICTOR HUGO.

NOÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

XI

Esqueceu-me advertir que quando da pressão de um corpo estranho resulte brecha, não havendo esquirolas na ferida, o meio mais prompto de a curar é unil-a quanto for possível, pondo-lhe adhesivo, e por cima um parche, seguro com ligadura; este conselho recebi eu de um distincto facultativo, fallecido ha muito—o sr. Vianna.

Tratados elementares de cirurgia popular devem ser distribuidos pelas escolas; todas as educandas devem ter conhecimento d'estas coisas: todas as casas devem ter uma *botica* com todos os apparatus precisos para accudir a qualquer dos muitos accidentes a que está sujeita a pobre humanidade; porque — *A vida do homem sobre a terra é um combate; e os seus dias são como os dias de um jornaleiro.*— Job, cap. VII v. 1.

Ha pessoas que não podem assistir a uma sangria; outras que se horripilam de tocar nas sanguessugas; outras que desmaiam em vendo chagas ou outros accidentes. Isto é uma fatalidade; porque se o enfermo não tiver quem se lhe approxime, para o tratar, que será d'elle?

E' verdade que a execução da sangria pertence aos homens da sciencia; mas o preparo das ligaduras; aparar o sangue, e desempenhar outros cuidados, tanto pôde pertencer á mãe, como á irmã, como á esposa, como á hospeda, como á creada; n'essas alturas é revestir de animo, considerar o grande valor do sacrificio e arrostar com elle.

A applicação de sanguessugas não se deve fiar de todos; demanda intelligencia e attenção. As minhas amaveis leitoras sabem de certo que ha varios modos de applicar as sangesugas; ou uma a uma, segurando-a com um pedaço de panno de linho quebrado; ou muitas em um vidro, cuja abertura se põe sobre o local affectado, e se vae mudando á proporção que se aferram; ou tambem muitas em um guardanapo que se applica segurando-o em roda, para que não fujam.

Para que a sanguessuga morda é necessario que a cutis não esteja impregnada d'acidos nem de perfumes; e mesmo é util fazer loções com leite e enxugar brandamente, antes da applicação do verme. Sabem tambem as minhas pacientes leitoras que a sanguessuga, em estando cheia, cae por si mesma; então deita-se em um vaso qualquer, e deixando-a estorcer-se sobre algumas pedras de sal, vomita o sangue que sugou. Passa-se então para um vidro largo, cuja agua se muda diariamente, deitando-lhe pequenina porção de assucar; e assim se conservam todas, podendo servir, passado algum tempo.

Antes de continuar, declaro que me pronuncio decididamente contra toda a carnificina medica volante, bixaria, vesicatorios, sangrias, etc. Que se extráia um tumor, que se separe uma fracção do corpo, para evitar que a gangrena invada o coração, admitto; mas que se roube o sangue, que é a vida; que se supplicie o pobre enfermo por todos os modos possíveis.

Será acerto... e os jovens medicos, saídos recentemente das escolas scientificas estão empregando esses meios com feliz resultado... mas... a homeopathia não emprega sevicias; e, se não resgata da morte a quem tem os seus dias contados, é, pelo menos, humanitaria.

MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

OS CAPTIVOS

Encostados ás grades da prisão,
Olham o céo os pallidos captivos.
Já com raios obliquos, fugitivos,
Despede o sol um ultimo clarão.

Entre sombras, ao longe, vagamente,
Morrem as vozes na extensão saudosa.
Cae do espaço, pesada, silenciosa,
A tristeza das coisas, lentamente.

E os captivos suspiram. Bandos de aves
Passam velozes, passam apressados,
Como absortos em intimos cuidados,
Como absortos em pensamentos graves.

E dizem os captivos: Na amplidão
Jámais se extingue a eterna claridade...
A ave tem o vôo e a liberdade...
O homem tem os muros da prisão!

Aonde ides? qual é vossa jornada?
A luz? á aurora? á immensidade? aonde?...
— Porém o bando passa e mal responde:
A' noite, á escuridão, ao abysmo ao nada!—

E os captivos suspiram. Surge o vento,
Surge e perpassa esquivo, inquieto,
Como quem traz algum pesar secreto,
Como quem soffre e cala algum tormento...

E dizem os captivos: Que tristezas,
Que segredos antigos, que desditas,
Caminheiro de estradas infinitas,
Tô levam a gemer pelas devezas?

Tu que procuras? que visão sagrada
Te acena da soidão onde se esconde?
— Porém o vento passa e só responde:
A noite, a escuridão, o abysmo, o nada!—

E os captivos suspiram novamente,
Como antigos pesares mal extinctos,
Como vagos desejos indistinctos,
Surgem do escuro os astros, lentamente.

E fitam-se em silencio indecifrável,
Contempñam-se de longe, mysteriosos,
Como quem tem segredos dolorosos,
Como quem ama e vive inconsolavel...

E dizem os captivos: Que problemas
Eternos, primitivos vos atraem?
Que luz fitaes no centro d'onde saem
A fluz, em jorro, as intuições supremas?

Por que esperaes? N'essa amplidão sagrada,
Que soluções esplendidas se escondem?
— Porém os astros tristes só respondem:
A noite, a escuridão, o abysmo, o nada!—

Assim a noite passa. Rumorosos
Sussurram os pñhaes meditativos.
Encostados ás grades, os captivos
Olham o céo e choram silenciosos.

ANTHERO DE QUENTAL.

O TUNNEL

(Conclusão)

Era provável, e tanto mais que lhe deixavam intactos o cerrado e a casa. Os engenheiros tinham optado pelo tunnel. Passar-se-hia por debaixo da casa sem lhe mecherem. Os operarios, com effeito, começaram a obra immediatamente, cavando, prefurando, fazendo saltar os blocos de pedra com uma invenção nova mais poderosa do que a polvora, a dynamite, como elles lhe chamavam. A força de este producto diabolico era verdadeiramente terrivel! Nada lhe resistia. Os maiores e os mais duros rochedos voavam em estilhaços, como que por milagre, e o velho Pedro ficara espantado com isso e maravilhado tambem, apesar de tudo.

Sem duvida a curiosidade acabára por extinguir-lhe a repugnancia, e parecia tel-o familiarisado completamente.

Chegára mesmo a ir de perto ver os trabalhos, seguindo os operarios com a vista, examinando com attenção os progressos e a execução das obras e observando principalmente o modo de empregar a substancia extraordinaria que nas mãos dos trabalhadores substituia a antiga polvora das minas. E contemplava em silencio o acabamento d'aquella obra impia, o estripar da montanha em cujo seio as ferramentas dia a dia avançavam progredindo no roubo audacioso, via sahir de lá, impregnado d'essa humidade que parece ser como que a seiva do solo, os blocos de pedra e de terra que jámais tinham visto a luz do dia, desde que o mundo era mundo; e sentia então ferver em si uma revolta surda contra essa profanação do santuario tenebroso onde dormia o sagrado repouso dos seculos.

Um dia, de manhã, quando os operarios retomavam os alviões e as picaretas reconheceu-se que faltavam uns cinco ou seis cartuchos de dynamite, dos maiores. Quem os teria roubado? Os engenheiros mandaram proceder a uma investigação summaria nos arredores. Revistou-se a casa do velho Pedro, e revistaram-se as cabanas dos pastores visinhos. Nada se encontrou.

Entretanto os dias succediam-se uns aos outros e os trabalhos tinham acabado finalmente. A linha fôra dada como prompta, inaugurada a circulação, e os comboyos transitavam regularmente ha uns bons quinze dias já. O que dizia o velho Pedro de isto tudo?

Não dizia nada. Doente, devorado pela febre que não queria deixal-o, estava para ali acantado ao lume, sentado na sua grande cadeira de pau. De quando em quando levantava-se, ia até á janella e olhava para baixo, para o valle, onde brilhavam as duas linhas ferreas formando uma especie de cotovello ao sahir do tunnel. Absorto n'uma contemplação idiota ali ficava até que apparecia uma longa filla negra de wagons arrastados por uma locomotiva com o seu grande penacho branco. A machina expellia um silvo agudo, escondia-se na aboboda e o velho Pedro via desaparecer uma a uma as carruagens negras, semelhando os anneis de uma serpente monstruosa, e sentia o solo tremer-lhe debaixo dos pés, como se fôra sacudido pelo estalar de um trovão subterraneo.

O que era actualmente a sua vida? Uma continua tortura mortificante e monstruosa ao mesmo tempo. Não tinha gosto na vida. Entretanto pelos olhos pardos passou-lhe uma manhã um relampago de alegria. Dizia-lhe João, o filho, que em breve viria vel-o. Quando? não o dizia ao certo. Antes de um mez.

Mas esse olhar obscureceu-se-lhe logo. O que apro-

veitava elle com a vinda do filho? Nem podia dizer ao rapaz a sua miseria porque o filho estava ao lado dos que o perseguiam, trabalhando para aperfeiçoar aquellas machinas detestaveis, barbaras e estranhas cavalgadas em que elle proprio se transportava!...

Cahi novamente na grande melancolia que lhe minava a existencia.

Apenas de tarde, quando a noite começava a cair, experimentava um momento de prazer, ao voltarem apressados para o curral e aguilhoados pelo creado, os dois grandes bois de armação alta e pello russo que eram os seus cuidados e o seu orgulho.

Uma tarde, em vez dos dois apenas um entrou. Que fôra feito do outro?

A tremer, com o rosto palido, macilento, o creado contou o caso. Era sinistro. Quando voltavam, ao longo da linha ferrea, o animal saltára as cancellas e tomado de vertigem metterá-se pelo tunnel. Chegava exactamente n'esta occasião um comboyo, de lanternas acesas. Fascinado sem duvida pelos enormes olhos vermelhos o boi ficou estacado no meio da estrada. Depois, subitamente, cahira... Restava apenas do animal um mar de sangue e alguns membros informes espalhados pela terra.

O velho Pedro tinha ouvido tudo, immovel, sem pronunciar uma palavra.

— Está bem, disse apenas quando o creado acabou. Vae comer e deita-te.

Mas o creado nem sentia forças para comer e foi-se logo deitar.

Por muito tempo ficou o velho Pedro na cadeira, sem se mecher e levantando os olhos de vez em quando para o relógio cujo tic-tac regular da pendula cortava apenas o silencio pesado d'aquella enorme sala. Deram nove horas, depois dez horas, depois bateram onze horas. O velho então levantou-se, desempenado, e tomando uma luz dirigiu-se ao celleiro, que era contiguo á cozinha. Passado um instante voltou trazendo um grande embrulho debaixo do braço.

A noite, fôra, estava negra.

O velho desceu devagar e com mil precauções o caminho que conduzia ao valle. Chegado ali saltou a grade que resguardava a linha e dirigiu-se para o tunnel. Entrou, andou uns trinta passos na obscuridade, depois ás apalpadellas, com um martello que tirou da algibeira, pregou um prego na parede da esquerda e dirigindo-se para a parede da direita executou o mesmo trabalho. Então accendeu um fosforo e com elle um archote que conservava na mão. Com esse archote acendeu dois outros dependurados nos pregos que tinha cravado nas paredes.

Em seguida andando alguns passos dispoz sobre os rails muitos pacotes bastante volumosos e endireitando-se recuou um pouco e esperou.

O ar trazia de muito longe um rolar surdo que se approximava de instante a instante. O velho tinha calculado com precisão, era o comboyo que chegava.

Estava no meio da linha, com o archote levantado acima da cabeça, alumiada phantasticamente por clarões ensanguentados.

O solo tremeu-lhe debaixo dos pés; subitamente os pharoes vermelhos da locomotiva appareceram no começo da curva. O comboyo chegava com a maxima velocidade...

Mas de repente um silvo agudo cortou o ar, e foi seguido de um ruído enorme de freios que brusca-mente se apertavam contra as rodas...

Evidentemente o machinista apercebera o archote e tentava fazer parar a machina. O velho Pedro riu-se. Previra tudo bem. A machina havia de chegar até ali.

E chegava com effeito, ainda que subitamente retardada na sua velocidade. Estaria affastada alguns metros se tanto, e o velho allumiado vivamente distinguia já, estendida, a cabeça de um homem que se debruçava na locomotiva quando ouviu um grito despe- daçador:

— Meu pae!

— João! respondeu o velho com a voz estrangulada.

A machina deu mais duas voltas ás rodas... Depois uma detonação formidável...

Quando se acabou o desentulho, oito dias depois, soube-se quem tinha roubado os cartuchos de dyna- mite.

JOSEPH MONTET.

A VELHICE DAS MULHERES

IV

(Conclusão)

Resta apenas como pasto e alimento a estas almas que andaram em busca da felicidade por toda a parte, menos no lugar tão proximo e tão accessivel, onde ella estava, resta-lhe apenas a falsa devoção.

E' lá que ellas vão buscar refugio.

Vivem nas egrejas, procuram um confessor que tenha a jesuitica paciencia de revolver com ellas o mon- tão de flores murchas do passado, a vêr se ainda de lá vem o vestigio da extincta fragrancia, praticam fer- vorosamente toda a casta de superstições rediculas; entram em associações pseudo-caridosas, gastam o resto da vida de outra fórma não menos redicula e não menos balofa do que gastaram os dias da juven- tude. E de vez em quando, para maior espanto nosso, morre uma em cheiro de santidade entre a piedosa confraria.

O que é pois necessario e indispensavel para todas nós?

E' que possamos viver sem o auxilio dos outros, e tirando unicamente dos intimos mananciaes do nosso espirito e da nossa alma, elementos para construir com elles a nossa propria felicidade.

Quando a mulher depois de ter recebido uma edu- cação robusta, depois de ter desenvolvido as suas fa- culdades no sentido mais amplo e mais favoravel, de- pois de estar apta a viver de pouco, a dispensar tudo que seja luxo ou vaidade, de ter dado uma applica- ção util ás suas aptidões especiaes, depois de ter adquirido uma larga somma de idéas geraes, de no- ções e de pensamentos justos, quando a mulher em- fim, tendo a consciencia de que mesmo sósinha na vida, saberá grangear dignamente o seu pão, olhar em torno de si, — forte, intelligente e instruida — e entre os homens que a rodearem, e que a preferirem, fixar a sua escolha n'um homem, esse póde sentir-se justa- mente ufano.

Não haverá n'este consorcio nenhuma especulação e nenhum calculo.

Ella está apta a julgal-o, a estudal-o, a entendel-o, por isso foi raciocinada a sua escolha. Elle achou uma companheira fiel do seu destino, um guia incorruptivel, um precioso auxiliar.

Trabalharão ambos.

Commerciante ou sabio, poeta ou diplomata, artista ou especulador, negociante ou politico, sempre a coad- juvação de uma intelligencia cultivada e flexivel, pe- netrante e fina, será de incalculavel utilidade ao ho- mem.

Não viverão de certo nos arrobamentos e transpor- tes dos romanescos e rapidos amores; terão um fim commum, o bem proprio e o bem de seus filhos. Te- rão meios identicos, o trabalho, a mais escrupulosa dignidade da vida, o estudo perseverante, a economia e a paz.

Como o casamento foi um acto em que não entrou a paixão irreflectida, a precipitação estúpida, ou o cal- culo inevitavel, ha muito mais garantia de que essa união seja duradora e feliz. Como a phantasia da mu- lher é irrequieta e audaz, logo que ella faça o seu fito de alguma cousa de maior e de mais elevado, dei- xarão de ser perigosos os seus caprichos.

O homem, preparando-se para casar, tambem não dirá comsigo: Vou buscar um encargo.

Dirá com muito mais propriedade: Vou buscar um auxilie.

Eis inteiramente deslocado o velho ponto de vista.

Provirá d'esta nova interpretação do casamento o ha- ver muito menos mulheres solteiras.

As que houver, porém, terão o seu lugar, o seu destino, a sua tarefa.

Trabalharão.

Não ha ninguem que querendo e sabendo, se não possa tornar util, e produzir em bem, tudo que con- some em sustento.

Decrescerão de certo as industrias que vivem do luxo e da dissipação, mas crear-se-hão outras novas, mais necessarias, e para as quaes a mulher poderá le- var as suas faculdades felizes, ás quaes só falta edu- cação condigna. E quando para todas chegar a velhice será como a corôa e o remate de um monumento su- blime.

Ha muito quem aleunhe de pretensão esta minha teima de attribuir todos os males da familia á falsa educação das mulheres.

Como se ellas fossem tudo!

Como se d'ellas dependesse tudo!

E' que realmente, directa ou indirectamente, pela sua influencia immediata ou pela sua longiqua influen- cia, o caso é que muitos males, que muitas desgraças; que muitas immoralidades se lhes devem!

Cherchez la femme, dirão eu sempre, por mais que achem vaidosa pretensão feminina esta minha idéa.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

A primeira coisa a fazer para sahir, se é possivel, da ignorancia consiste em reconhecer esta.

P. LEROUX.

CANÇÃO

(DE MERY)

Adeus, aldeia amiga,
Toda um jardim de flores!
Aqui o ar mitiga
E acalma as nossas dôres.

Chama-me o mundo quando
Te amava com paixão...
Irei; porém deixando,
Deixando o coração!

Adeus, adeus colinas
E vastos horizontes!
Adeus canções divinas
Das aves e das fontes!

O mundo me convida
A ir-me embora! Ai, não!
Irei, deixando a vida,
Deixando o coração.

JOÃO DE DEUS.

CULTURA DAS EMOÇÕES INTELLECTUAES

DA CURIOSIDADE

V

A curiosidade é por tanto o movel poderoso que leva á instrucção, e não menos poderoso para levar á affeição e por consequencia á acção. Não deve escapar ao educador moralista este ultimo capitulo.

Muitas vezes, de resto, pôde dirigir-se a curiosidade ou fazel-a derivar para applicações que reunam a vantagem de satisfazerem á necessidade de acção, poderosissima na creança, e que pôde ser satisfeita segundo as suas tendencias utilitarias ou estheticas. Na pratica o methodo Fröbel tende mais vezes a arrigimentar do que a harmonisar as faculdades da creança, por ventura abusando do processo interrogativo, e por isso só é acceitavel em principio, devendo variar-se até ao infinito, de modo que corresponda á necessidade da educação familiar.

Mas este methodo, que está impregnado do naturalismo de Rousseau, occupa simultaneamente os sentidos e a imaginação da creança, desde o berço em que a mãe começa a fazer-lhe seguir com os olhos e com as mãos uma bolla suspensa, até aos exercicios dos cubos e das varinhas, das pás e da arêa, instrumentos e materiaes de combinações infinitamente variaveis e encantadoras. Este é sem duvida um emprego excellento da curiosidade infantil, e que pôde tomar, de um modo incontestavel o seu lugar na educação primaria, com tanto que na apparencia tudo seja subordinado á phantasia da creança e á sua iniciativa particular e livre.

Este methodo engenhoso fornece os meios de satisfazer, util e moralmente, as tendencias anedoeticas tão fortes nas creanças como n'um grande numero de adultos. Em imagens, que uma creança de tres annos pôde comprehender, e com os commentarios que o tacto da inspiração materna pôde apropriar a uma

idade ainda mais tenra, apresenta a historia da propria creança, não só quanto ao que ella tem de mais geral, mas tambem no que possui de mais saliente: «as suas primeiras relações com a mãe, os cuidados que lhe ensina; depois as suas relações com os outros membros da familia; algumas das scenas da vida dos animaes, da jardinagem, da agricultura; as scenas ordinarias da vida moral da creança e as suas relações principaes e usuaes com o conjuncto dos seres e das coisas que a rodeiam.» Aos dois annos mesmo, a creança pôde sahir do concreto algumas vezes, na pequena amplitude da sua experiencia, e com a imaginação alargar o circulo da sua curiosidade sympathica. Mas segundo a minha opinião, devia-se ainda mais vezes deixar a creança nos estreitos limites da sua experiencia quotidiana, e interessal-a, encantal-a, enterrecel-a e moralisal-a pela narração das suas proprias aventuras e acções, narração feita pela creança mesmo, ou feita deante d'ella.

Entretanto na pratica recommendada deve evitar-se um duplo escólho de que a minha experiencia garante os bons resultados: é em primeiro logar parecer que se dá muita importancia a tudo que a creança tenha dito ou feito quando é melhor prestal-a ao que ella vio e ouviu; depois é tambem habitual-a a empregar a sua attenção em coisas pequenas que não merecem que se attente n'ellas. A creança sacia-se rapidamente com bagatellas e futilidades e muitas vezes, depois, em idade mais avançada, sente o peso de este habito adquirido no começo da vida. Quantas pessoas em edades diversas e de diversas condições alimentam o espirito com as pequenas coisas, com os pequenos acontecimentos, as anedoetas banaes, as intriguinhas, as fabulas, os romances insipidos, os ditos, os contos das vizinhas, as noticias da gazeta!? A sua frivolidade não é precisamente o resultado de uma inferioridade intellectual que as torne inaptas para escolher os factos importantes e assimilal-os como materiaes generalisados; ou pelo menos essa inferioridade, que tambem se encontra nos selvagens, não me parece que seja resultante da compleição nativa; julgo-a especialmente derivada de uma educação viciada desde a origem. Este perigo deverá ser afastado pelas narrações geraes ou pessoaes, judiciosamente conduzidas e de que já fallei.

(Continua).

BERNARD PEREZ.

O progresso scientifico e industrial é tão irresistivel como a força que faz passar os cometas pelas suas orbitas e tão brilhante como a luz do sol.

A. DUMONT.

Voltou para Lisboa a distincta escriptora a sr.^ª D. Guiomar Torreção, que tem honrado esta revista com a sua collaboração primorosa e valiosissima.

Fajamos sempre de desenvolver em nós a apathia; esforcemo-nos pelo contrario em inflammal e alimentar a nossa alma com os prazeres mais puros e mais nobres.

BARÃO DE FEUCHTERSLEBEN.

NECROLOGIA

Publicamos um dos discursos recitados nas conferencias pedagogicas de Lisboa pelo sr. Luiz B. Pacheco, professor de Carnide.

Uma commissão de professores acompanhou os restos mortaes de D. Antonia Pusich á sua ultima morada, e consignou nas actas um voto de sentimento pelo fallecimento da illustre e distincta escriptora.

Segue-se o discurso.

«*Minhas senhoras. — Meus senhores.* — Permittam-me que me associe á dôr, que enlucta actualmente o magisterio primario, a litteratura nacional e uma familia distincta.

E' para mim um dever sagrado vir aqui, n'este gymnasio do saber, n'este templo augusto da instrucção, verter lagrimas de saudade, prestar preito e homenagem á memoria d'uma senhora illustre, d'uma escriptora distincta, com quem collaborei em algumas revistas litterarias, admirando sempre o seu estylo fluente, a sua palavra varonil e persuasiva, o seu verbo inspirado.

Como Lamartine, Victor Hugo, Pope e outros D. Antonia Pusich dedilhou elegantemente a lyra de Virgilio, de Homero, de David.

Finou-se o cysne da nossa litteratura nacional.

O magisterio primario, bem como varias classes illustres vestem negros crepes.

O roble gigante, a patriarcha e a princeza da nossa litteratura, a cuja sombra se abrigavam os soldados da instrucção popular, ferido pelo raio, oscillou, caiu, para não mais se levantar.

D. Antonia Pusich, a quem o magisterio primario, representado por uma commissão illustre e para a qual peço que se consigne na acta um voto de lóuvor, acaba de acompanhar os restos mortaes á ultima morada, tinha um culto no coração de todos, trocou a corôa de poetiza pela aurôla de luz, que circumda a frente dos bemaventurados.

O lucto, que o magisterio primario veste hoje, significa o sentimento que vae no coração de todos pela morte d'uma das maiores athletas litterarias, de que Portugal se ufanava.

A grande causa da instrucção perdeu um dos seus legitimos defensores, gloria da patria.

O profundo e encyclopedico thesouro de conhecimentos, que possuia a illustre finada; a sua imaginação, fulgurando reflexos de celestiaes matizes; vigorosa a sua electrica palavra, com a qual arrebatava os animos, engolphando-se em infinitos caminhos por onde resplandecia a sua robusta intelligencia nos mais difficeis problemas, tudo era em D. Antonia Pusich tão extraordinario que a sua morte póda considerar-se irreparavel perda para o paiz.

A illustre finada conquistou a estima de todos, porque o seu saber e a sua fina delicadeza captaram as sympathias d'aquelles que a conheciam de perto.

Conheci-a em dois jornaes, na *Crença Liberal* e na *Liberdade*, em cujas paginas advogou sempre com a fé d'um apostolo, com a crença d'um patriarcha, com o dogma d'um fanatico — a instrucção popular.

O corpo de D. Antonia Pusich desappareceu, abandonado pela alma; mas a sua memoria viverá sempre entre nós.

O tempo com a sua inexoravel acção, secca as lagrimas; mas não poderá apagar o saber, nem o nome

glorioso da illustre finada, porque o patriotismo inscreveu com caracteres de diamantes o seu nome no grande livro da historia da litteratura.

Levantemos, pois, um monumento immorredouro no coração de todos, e vertamos lagrimas de eterna saudade pela sua memoria.

Disse.»

O orador foi cumprimentado por diversos professores.

Com a annuencia do nosso presadissimo collega no professorado, subscrevemos e perfilhâmos as suas sentidissimas expressões, extraidas do *Diario da Manhã* de sexta feira 12 de outubro de 1883.

MARIA J. S. CANUTO.

ALBUM ENIGMATICO

CHARADA ULTRA-NOVISSIMA

Premio: — «La Comtesse Alvinzi», duas series de «Marquis de Foudras»

PARA OS ASSIGNANTES DE LISBOA

1.^a 2.^a 3.^a 4.^a — Substantivo : : Artigo — 1.^a
 2.^a 3.^a 4.^a — Adjectivo : : Verbo — 2.^a
 3.^a 4.^a — Substantivo : ou : Verbo — 3.^a
 4.^a — Substantivo : : Contração — 4.^a

Quereis saber o conceito?
 Appellido d'um sujeito.

Cuba

MATHEUS PERES.

CHARADA

PARA OS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

PREMIO: — «LA BÈBÈRE D'IVRY», DE DELAURE

Quando p'los corpos opéra
 Na vista a luz projectada
 Na sensação que produz
 Fica a primeira encontrada

Em todo o mortal vereis
 Esta parte da charada
 Quer branca, preta ou mulata
 Quer asp'ra ou sissetinada

Do meu todo o resultodo
 Será facil de encontrar
 E' appellido hespanhol
 Em Portugal mui vulgar.

ARTHUR COSMELLI.

Por não ter sido ainda decifrada a charada do n.º 30, como dissemos no ultimo numero da *Mulher*, continua a mesma charada a premio para os assignantes de Lisboa.

Pelo mesmo motivo continuam a premio as charadas do ultimo numero de esta revista.